

Mark Wayne Clark – Um Herói, Amigo do Brasil

Adhemar Rivermar de Almeida*

O artigo reverencia o 52º aniversário do término da Segunda Guerra Mundial (8 de maio de 1945), reproduzindo matéria publicada na Revista do IGHMB (nº 82/96). Nela, o autor apresenta uma síntese biográfica do Comandante do V Exército Norte-Americano e do XV Grupo-de-Exército Aliado, escalões enquadrantes do grande comando sob cujas ordens operou a FEB na Itália.



O Marechal Mascarenhas de Moraes condecora o General Mark Clark.

O general norte-americano Mark Wayne Clark era, à época em que nos comandou, em campos de Itália, primeiramente como Comandante do V Exército Americano e, no final, como Comandante do XV Grupo de Exércitos, um homem alto, narigudo, de sorriso meio irônico, e magro demais para quem já estava beirando os 50, pois nascera a 1ª de maio de 1896. Constituiu-se numa das figuras mais curiosas e valentes da II Guerra Mun-

* Coronel de Infantaria. Sócio efetivo do IGHMB. Participou da Segunda Guerra Mundial no 11º Regimento de Infantaria da Força Expedicionária Brasileira. Presidente da ANVFEB durante sete mandatos.

dial, curiosa como homem e como militar.

Como homem, Mark Clark era um indivíduo sadio, esportivo, jogador de tênis e pingue-pongue, além de grande apaixonado pela caça e pela pesca de linha. Em West Point, fez o curso sem grande relevo, pois, se foi bem em filosofia e história, sentiu enormes dificuldades com a matemática. Formou-se em 1917, muito mal classificado, pois foi o 111º em uma turma de 139 alunos, cercado todavia da amizade de seus colegas, que o chamavam pelo apelido de "Opie", porque fora um dia surpreendido a acompanhar as aventuras de um herói de histórias em quadrinhos, chamado "Opie Dillydock".

Mal saído dos bancos escolares, embarcava para a França, a fim de tomar parte na Primeira Guerra Mundial e, nos Vosges, já comissionado no posto de Capitão de Infantaria, recebia o seu batismo de fogo, ferido por estilhaço de granada de artilharia, quando comandava a Companhia K do 11º Regimento de Infantaria.

E foi só. A guerra de 14/18, para os americanos, durou pouco mais de um ano. Mark Clark sentiu as natu-

rais emoções do regresso festivo ao solo pátrio, das paradas da vitória, do carinho e entusiasmo do povo de seu país, e do reinício da vida nas fileiras de sua amada Infantaria, não esquecendo, entretanto, das horas históricas e decisivas vividas nas legendárias terras da França.

Exerceu comandos normais e cursou, com bom desempenho, as Escolas de Infantaria ("Fort Benning"), de Comando e Estado-Maior ("Fort Leavenworth") e Superior de Guerra ("Army War College").

Vamos encontrá-lo, em fins da década de 30, como Major, Oficial de Planos e Instruções (o nosso Oficial de Operações), E/3 da Divisão de Infantaria, de Fort Lewis, em Washington, ocasião em que lhe coube elaborar o planejamento do primeiro exercício-teste norte-americano de uma operação anfíbia, que se constituiu no embarque da 3ª Divisão em Fort Lewis, seu transporte em comboio pela Esquadra do Pacífico para a Baía de Monterrey, na Califórnia, e seu desembarque em barcas, com oposição inimiga simulada.

O General George C. Marshall que assistira ao

desembarque da 3ª Divisão, bem impressionado com a atuação de Mark Clark, determinou sua transferência, como instrutor, para o "Army War College", também em Washington, onde logo depois era promovido a Tenente-Coronel.

Mark Clark era muito amigo, com constantes visitas e troca de impressões sobre a situação política e militar da Europa, de um outro tenente-coronel, dois anos mais antigo do que ele - Dwight Eisenhower - "Ike", a quem muito admirava por suas excelentes qualidades, não imaginando todavia, que num futuro próximo estariam atuando tão estreitamente juntos, como viria a acontecer na Segunda Guerra Mundial. Eisenhower, a exemplo de Mark Clark, distinguira-se em West Point mais pelos esportes do que pelos estudos.

Com o fechamento do "Army War College", moda que visava a liberar e dar destino ao maior número possível de oficiais e praças para a tropa, Mark Clark tentou sua volta à 3ª Divisão, mas recebeu ordem de apresentar-se imediatamente a um recém-criado Quartel-General, instalado sob o comando direto do General

Marshall, e cujo Chefe de Estado-Maior, General Lesley J. Mc Nair, e uns quinze oficiais das diversas armas e serviços já estavam em plena atividade.

O General Mc Nair era altamente considerado em todo o Exército e, como oficial-general, figurava entre os mais moços, e o novo Grande-Quartel-General era destinado a organizar, equipar e treinar o Exército dos Estados Unidos para o combate, investido assim de papel decisivo no preparo da nação americana para o inevitável conflito. Anos depois, na Tunísia, durante um combate, tanto Mc Nair se aproximou dos elementos mais avançados, que acabou seriamente ferido. Na Normandie, por insistir novamente em verificar o avanço da vanguarda de suas tropas, acabou ferido mortalmente. Seu desempenho militar foi de tal importância, que uma instalação militar onde se encontram hoje vários estabelecimentos de ensino e as residências de um grande número de generais ainda na ativa, ostenta o seu nome: "Fort Mc Nair".

Somente Mark Clark, seu E/3, com a responsabilidade da instrução da tropa, na sua missão de coordenar

o adestramento das forças terrestres, voou mais de 60.000 milhas e, pouco depois, tendo em vista o exato conhecimento da situação foi designado Chefe do Estado-Maior dessas mesmas forças, sendo então incumbido por Marshall para acompanhar os ingleses Lord Moutebatten e Sir John Dill, que tinham por objetivo averiguar se o Exército dos Estados Unidos estava realmente se aprontando para lutar na Europa.

Voou com eles para Fort Benning, onde assistiram a um ataque de Infantaria, cobertos por fogos de Artilharia utilizando munição real. Carros de combate e caças-bombardeiros completavam a operação. De tarde, voltaram a voar, agora para Camp Gordan, também na Geórgia, onde a 4ª Divisão de Infantaria proporcionou aos visitantes uma mostra do material usado pelo Exército norte-americano. No dia seguinte, voaram para Fort Bragg, onde assistiram ao lançamento de pára-quedistas da 9ª Divisão de Infantaria. Em apenas dois dias, os visitantes puderam ter uma idéia da rapidez com que os Estados Unidos estavam preparando suas Divisões.

Um dos maiores entraves à ação inicial de Mark Clark foi o de obter o seu próprio novo equipamento de campanha, indispensável à vida no campo, em suas contínuas viagens a locais de instrução da tropa, por ter uma estatura bem acima da média. Tudo lhe ficava curto, as mangas das jaquetas ficavam quase a meio dos braços e, ao deitar-se, seus pés ficavam do lado de fora do saco de dormir.

Dessa sua intensa atividade resultaria sua promoção a general-de-brigada e designação como Chefe do Estado-Maior das novas Forças Terrestres dos Estados Unidos.

Pouco tempo depois, Eisenhower era também promovido a general-de-brigada e mandado para Washington, como Chefe da Divisão de Planos de Guerra e, nessa função, seria promovido a general-de-divisão.

Mark Clark seguiria, em maio de 1942, para a Inglaterra, acompanhando Eisenhower, a fim de efetuarem o que seria o primeiro estudo da situação geral das forças inglesas, retornando no fim de três semanas.

Num dos encontros então realizados, aconteceu algo

que, no princípio, trouxe certo mal-estar entre seus participantes. Estavam no Quartel-General do General Bernard Law Montgomery, que fazia uma exposição sobre o desenrolar das manobras que estavam sendo realizadas sob o seu comando. Após algum tempo, Eisenhower resolveu fumar, mas às primeiras baforadas, ouviu-se a voz alta de Montgomery, que perguntava:

– Quem está fumando?

– Eu, disse Eisenhower, humilde.

– Não permito que fumem no meu gabinete, disse Montgomery, secamente.

Eisenhower apagou o cigarro e a explanação continuou.

No dia 24 de junho de 1942, já então general-de-divisão, Comandante do II Corpo de Exército, Mark Clark voltava à Inglaterra de avião, antecipando-se à chegada de suas tropas.

Por determinação de Eisenhower, deixa ele o comando do II Corpo de Exército e assume o Subcomando das tropas norte-americanas sediadas na Inglaterra, acrescido da condição de Comandante-em-Chefe da TORCH ou seja, o projeto de invasão da África do Norte, cuja realização se concre-

tizaria devido à firme vontade de Whiston Churchill, apesar das opiniões contrárias da Rússia e dos Estados Unidos.

Churchill, que Mark Clark considerava “o maior homem que jamais encontrara – dinâmico ao extremo, cheio de encanto, persuasivo, altamente capaz e realizador”, vibrando por sua vitória político-militar, no que no seu dizer seria “um ataque ao flácido baixo-ventre do Eixo”, disse então a Mark Clark: “*Todos os recursos da Comunidade Britânica estão à sua disposição*”.

Caberia, assim, ao “Águia Americana”, como carinhosamente Churchill chamava Mark Clark, uma das missões mais perigosas e novelescas da Guerra: a bordo de um pequeno submarino inglês, chegar ao norte da África, a fim de conspirar com oficiais franceses que estavam organizando a luta contra os homens de Vichy e os seus patrões nazistas, ali estabelecidos. Preparar, por essa forma, nas colônias africanas, a recepção às tropas de desembarque americanas. Foi uma aventura bem perigosa, cheia de lances emocionantes, de que muito se falou,

logo que ficou conhecido o episódio, ao encerrar-se, victoriosamente, aquela fase da campanha. Mark Clark, por um triz, não caiu em poder da polícia de Vichy, que, certa vez, vasculhou a sala acima da adega em que ele se encontrava escondido. Em seu regresso apressado ao submarino, face a ondas praticamente impraticáveis ao seu pequeno bote de embarque, toma formidável mergulho na arrebatada das ondas, perdendo as calças e o dinheiro que trazia.

Na última visita de Mark Clark ao Brasil, fazíamos parte da comissão encarregada de acompanhá-lo durante toda a sua permanência no País e, fazendo parte das homenagens a ele então tributadas, houve um jantar no Clube Caiçaras, promovido pelos Veteranos de FEB, ocasião em que fomos assediados pelo Adido Naval inglês para que reservássemos um lugar para um Oficial Superior da Marinha de Guerra inglesa, se possível nas imediações do homenageado. No jantar, vimos surpresos, Mark Clark abraçá-lo efusivamente, enquanto que diziam quase ao mesmo tempo: “Será que podemos tomar uma dose de rum?”. Tratava-se do Co-

mandante do Submarino que o conduziu às costas africanas.

Naquela noite, ainda desconhecíamos o seguinte diálogo travado entre Mark Clark e o Tenente Norman Ambury Jewell, Comandante do Submarino HMS-P219-Seraph, um dos menores e mais vagarosos dos submersíveis ingleses, quando Mark Clark e seus acompanhantes, praticamente nus e tiritando de frio, conseguiram voltar ao submarino com a trabalhosa e difícil ajuda dos tripulantes:

– “Será que não ouvi dizer por aí que a Marinha inglesa dispõe de rações de rum mesmo em submarinos?”.

– “Sim, senhor”, respondeu o Tenente, “mas em submarinos só nas emergências.”

– “Bem”, disse Mark Clark, “acho que se trata de uma emergência. Que tal uma ração dobrada de rum?”.

– “Ok, senhor”, disse o Tenente Norman, “desde que um oficial de patente bastante elevada assinare a ordem.”

– “Será que posso?”.

Mark Clark colocou sua assinatura numa ordem escri-



No Clube dos Caiçaras, o Coronel Paulo de Mendonça Ramos entrega, ao General Mark Wayne Clark, o diploma da Medalha Marechal Mascarenhas de Moraes, que lhe foi outorgada pela Associação Nacional dos Veteranos da FEB.

ta formal, autorizando o fornecimento de uma ração dupla de rum para a tripulação e os passageiros do Seraph.

Ao recordarmos da comissão anteriormente referida, que foi chefiada pelo então Secretário Geral do Ministério do Exército, General Alacyr Frederico Werner, projeta-se em nossa memória a simplicidade do grande cabo-de-guerra, simplicidade que tocava quase a nossa incredulidade.

Todas as manhãs, quando íamos buscá-lo para o desenvolvimento da programação diária, o encontrávamos em trajes sumários, ao lado de sua extrovertida segunda esposa, sempre nos recebendo com a maior afabilidade: “Estávamos esperando por vocês para o breakfast”. Mark Clark encarnava perfeitamente a feliz expressão de Renan: “Os homens verdadeiramente grandes são simples”.

Mas ele não ajudou só a preparar e a ajustar o decisivo assalto às possessões francesas, dele também tomou parte. E, desde que os americanos puseram ali pé firme, estabeleceu o Quartel-General do seu recém-organizado V Exército, na antiga "École des Jeunes Filles", na cidade marroquina de Oudjda, que tinha um terreno variado, campo, montanhas, desertos e praias, dos quais se serviu para dar aos seus homens treino intenso para os cruentos dias que viriam.

General-de-campo, e não "de-gabinete", sempre deu maior importância ao contato pessoal com os oficiais e praças. Usando um pequeno avião, que tinha o nome bem francês e evocativo de "Sans Cullote", era onipresente em todo o seu setor de comando. E, à entrada de seu gabinete de trabalho, havia um aviso, raro de se encontrar na porta de um comandante: "Entre sem bater".

...

Atrás retratamos o Homem, melhor diríamos, o Soldado. O General-Comandante é ainda mais interessante. Porque, com as virtudes do Soldado conseguiu deixar o seu nome inscrito

na história de uma série de campanhas que, se não tiveram a rapidez espetacular das marchas de Patton e Simpson, formam um bom número de batalhas muito duras, na conquista, palmo-a-palmo, de terreno extremamente favorável à defesa pelo inimigo, como o alemão na Itália, que se dispusera a fazer a guerra defensiva, em operações contínuas de retardamento. Mark Clark, porém, bem sabia a missão que lhe estava destinada, ou melhor, que cabia aos seus infantés. E tinha satisfação em comandá-los, porque sabia que nos terrenos em que a arma motorizada não pode ser empregada largamente e com rapidez, a decisão ainda estava com a Infantaria, "a velha rainha das batalhas". E ele era, acima de tudo, um General de Infantaria. Por profissão e até mesmo por herança. Seu pai fora um Coronel de Infantaria. E ele mesmo nascera em "Madison Barracks", que era um aquartelamento de Infantaria.

Ainda no norte da África, teve o General Mark Clark os primeiros contatos com militares brasileiros, inclusive com o Brigadeiro Eduardo Gomes, a quem externou o desejo de ter tro-

pa brasileira em seu V Exército.

Na primeira grande operação de desembarque da guerra, o faz com o seu V Exército. O Presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt, externando toda a gratidão da Nação Americana, condecora o General Mark Clark com "Distinguished Service Cross", durante sua inspeção à tropa que havia posto o pé na Sicília, ao mesmo tempo que lhe entregava seguinte mensagem:

"O Senhor e seu V Exército estão realizando uma tarefa esplêndida sob condições mais penosas que alguém possa imaginar. Bem sei quanto a campanha é árdua, pois dela me falo testemunha ocular.

Falaram-me também da sua coragem pessoal no comando da tropa e especialmente a sua bravura nos primeiros dias após o desembarque, quando, por exemplo e magnífica inspiração a seus oficiais em combate, conjurou uma situação crítica a meio à qual o inimigo poderia ter irrompido, com consequências desastrosas.

Continue aplicando sobre ele tudo o que tiver

tomaremos Roma e muito mais ainda.

Sou grato por ter um General tão decidido em combate.

A) Roosevelt”

Durante toda a campanha italiana, os aliados tiveram de disputar cada palmo do terreno a um adversário resolutivo, homogêneo, experimentado e poderoso, processando-se em tais condições do terreno que a tropa se tornava horrivelmente enlameada ou se arrastava penosamente montanha acima, aonde só o muar de carga e, por vezes, somente o homem podia transportar munição e alimentos.

De um lado, marchava o V Exército americano sob o seu comando. Do outro, avançava o general Montgomery, o Chefe que derrotara os alemães e italianos em El Alamein e que, em virtude de sua popularidade sempre crescente, se transformara simplesmente em “Monty” à frente do seu lendário VIII Exército inglês, dirigidos ambos, a princípio por Eisenhower e depois pelo inglês Sir Harold Alexander (Harold Rupert Leofric George Alexander), cognominado como o “Soldado Aristocrata”.

Ao realizar a conquista de Nápoles, numa das operações mais espetaculares da guerra e da qual dependia toda a campanha da Itália, foram os infantes rudes e bem treinados de Mark Clark que resistiram, do terceiro ao sétimo dia da operação, aos contra-ataques nazistas, garantindo a posse da cabeça de praia de Salerno.

Em busca da conquista de Roma, tão desejada pelos Aliados, Mark Clark dividiu seu comando entre Cassino, onde os nazistas resistem obstinadamente, e as tropas desembarcadas nas praias de Anzio. Vive, perigosamente, de um para outro de seus dois postos de comando, ora em seu pequeno avião, ora em lanchas-torpedeiras. Numa dessas viagens, a sorte lhe bafeja intensamente, conforme seu próprio relato:

“Sem embargo, tudo decorreu muito bem, até chegarmos a umas sete milhas de Anzio, viajando ainda em semi-obscuridade. Então, o AM-120, caça-minas dos Estados Unidos, expediu os sinais regulamentares do pedido de identificação. O Tenente Patteson, Comandante de nossa PT, ordenou o disparo dos clarões verdes e amarelos, e acionou o

dispositivo de luz intermitente com o fim de nos identificar como amigos. Até então, procurara livrar-me do vento, sentado num banco ao lado do Comandante, já que a ponte de comando me proporcionava proteção. Entretanto, pouco antes da intervenção do AM-120, levantei-me e me afastei ligeiramente para um dos lados. O Comandante do Caça-Minas parece ter traduzido mal a sinalização, ou talvez todos, naquela madrugada escura e ventosa, estivessem loucos para disparar sobre o que quer que fosse, mesmo sem motivo. O fato é que o caça-minas atirou sobre nós, sem a menor cerimônia, as suas granadas de 40 milímetros e de 50 polegadas. Algumas granadas atingiram nossa PT, sendo que a segunda caiu sobre o banco em que eu estive sentado.

O Comandante ficou ferido em ambas as pernas e tombou no convés. Ouvi uma granada explodir na parte inferior do barco. A confusão era generalizada e diversos homens estavam caídos, dois dos quais feridos mortalmente.”

A atuação de Mark Clark em Cassino lhe traria como gratificação a seguinte mensagem, vinda de Londres:

"Caro Wayne

Em todos os anos de nossa amizade, nunca estive tão orgulhoso de você como nestas últimas semanas de intensa e corajosa atividade. Sem embargo de todos os percalços, está desempenhando um magnífico papel de Chefe, com verdadeira galhardia. Li a recente proclamação que expediu à sua tropa. Com homens da estirpe de Al (Gruenther) e Truscott você está escrevendo a História que os americanos sempre não de ler com orgulho.

A) Ike"

Dentro da quase inacreditável vitória de Monte Cassino, Mark Clark confessaria, mais tarde, que fora contrário ao bombardeio da Abadia, pois o mesmo se constituiu não só em erro psicológico, mas em erro tático de primeira grandeza. Só tornou a missão mais difícil e custosa em termos de homens, máquinas e tempo.

O bombardeio de Monte Cassino e seu secular mosteiro através de fortalezas voadoras, alvo de muitas críticas, pois os próprios nazistas o haviam poupado, foi determinado pelo Comandante do XV Grupo de

Exércitos, General Harold Alexander.

No dia 25 de novembro de 1944, Mark Clark passava o Comando do V Exército ao General Lucien Truscott e assumia o XV Grupo de Exércitos.

Nessa última função, coordenou a vitoriosa campanha dos Apeninos, quando, ao término da "Ofensiva da Primavera", conseguiu sua derradeira vitória militar na Itália, ao impor, no vale do Pó, o golpe final às pretensões nazi-fascistas em território italiano, ocasião em que, recebeu a rendição incondicional das tropas alemãs e italianas em luta na Itália e na Áustria Ocidental, através do representante do General Von Vietinghoff, Comandante-em-Chefe alemão do Sudeste. Recebeu também a Ordem de Suvorov, das mãos do General Sounslaparov, representante soviético na Itália, tendo como particularidade: a medalha era acompanhada de um passe permanente para todas as ferrovias soviéticas.

À meia-noite de 5 de julho, o XV Grupo de Exércitos era desfeito e, cinco horas depois, Mark Clark assumia o comando de todas as Forças Aliadas na Áus-

tria, cumulativamente com o Governo Militar daquele país.

No dia 15 de julho, viajava para o Brasil a convite de nosso Governo e sua estada entre nós constituiu-se numa sucessão de cerimônias, algumas em meio a verdadeiras multidões. Conheceu, além do Rio de Janeiro, as cidades de Belo Horizonte, São Paulo e Porto Alegre. Na capital paulista mostrou-se admirado com sua intensa movimentação e declarou que, somente ali ele obtivera a explicação por que os nossos motoristas dirigiam tão velozmente, até mesmo os pesados 2 1/2 toneladas. Diria, então, que o povo brasileiro tinha o direito de estar orgulhoso dos feitos e sacrifícios de sua magnífica Força Expedicionária, comandada pelo capaz e esclarecido General Mascarenhas de Moraes.

Ao fim da última semana de julho, Mark Clark estava quase exausto e as mensagens que chegavam da Áustria eram cada dia mais inquietantes, o que o fez apressar sua volta à Europa.

Em suas funções de Alto Comissário Americano na Áustria, participou de várias situações difíceis, civis e militares, inclusive em aci-

radas divergências com os soviéticos.

Em 1952, sucedeu ao General Ridway, como Comandante-Chefe das Forças das Nações Unidas na Coreia e das Forças Americanas no Extremo Oriente.

Em 1953, julho, foi um dos signatários do armistício entre as tropas da ONU e as sino-coreanas.

Posteriormente, presidiu a Universidade Militar "The Citadel", da qual, mais tarde, tornou-se Presidente Emérito.

Mas quando aqui esteve, pela última vez, já na reserva, era o responsável pela guarda e manutenção de todos os cemitérios militares norte-americanos espalhados pelo mundo.

...

E foi na última fase da guerra, nos Apeninos, que o General Mark Clark veio a contar com o destemor dos "pracinhas" do Brasil, que, sob o comando do General João Baptista Mascarenhas de Moraes, Comandante da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, se encheram de glórias, na campanha peninsular.

Mark Clark, posteriormente, escreveu um livro, a que deu o nome de "Risco

Calculado", que nos transmite toda a sua personalidade e nos informa detalhadamente sobre sua participação na Segunda Guerra Mundial, inclusive com muitas e oportunas referências ao bom desempenho da tropa brasileira.

Na verdade, a Campanha Aliada no Mediterrâneo constituiu-se, desde o princípio, de gigantescos "riscos calculados".

Mark Clark, prefaciando a tradução para o português de seu livro, editado pela Biblioteca do Exército e realizado pelo Coronel Newton Corrêa de Andrade Mello, meu companheiro de turma na Escola Militar do Realengo, Oficial de Ligação em campos de Itália e operoso e culto membro do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (Cadeira nº 24 - Patrono: Marechal Francisco das Chagas Santos), assim se expressa:

"A vivência com a Força Expedicionária Brasileira, as viagens no pós-guerra, as numerosas visitas de oficiais brasileiros ao "The Citadel", as honrarias conferidas pelo Governo do Brasil, tudo isso concorreu para que me sinta ligado ao Exército Brasileiro por laços fraternais."

Sobre a entrada da FEB em ação, vamos encontrar em seu livro os dois seguintes trechos:

"No início da segunda quinzena de julho, chegaram à Itália os primeiros elementos da Força Expedicionária Brasileira, parte dos vinte e cinco mil homens. Fizemos planos para integrá-los paulatinamente no V Exército. Sem dúvida, o desempenho dos brasileiros era de importância tanto política, quanto militar. O Brasil foi o único país da América Latina a enviar uma Força Expedicionária, e, naturalmente, estávamos ansiosos por oferecer-lhes todas as oportunidades de se saírem bem. Ao mesmo tempo, havia considerável diferença no treinamento deles, e achei importante fazê-los entrar em ação aos poucos. Tínhamos sempre em mente que um revés daquelas tropas acarretaria desagradável reação política nas Américas. Os alemães pensavam de igual modo e, conforme se mostrará, envidaram esforços para tirar proveito da in experiência dos sul-americanos."

"No dia seguinte, dirigi-me para Vada, a fim de ins-

pecionar um Grupamento Tático Regimental dos brasileiros. O Grupamento Tático pareceu-me excelente e os brasileiros, de um modo geral, estavam ansiosos por entrar em ação. De fato, era tal a pressa deles que, provavelmente, não completaram o treinamento de que precisavam após a chegada à Itália. Mas o seu espírito de cooperação foi imenso, e reinou um clima de forte amizade entre nossos Quartéis-Generais. Acredito que, a propósito daquele dia, o que predomina em minha mente é o fato de os brasileiros, concluídas as cerimônias, haverem rompido o canto de "Deus Salve a América".

Ainda no mesmo livro, deparamos com o seguinte parecer sobre a tropa brasileira:

"Já mencionei que os alemães estavam particularmente interessados em tirar partido da inexperiência da tropa brasileira. A propaganda nazista na América Latina tentaria, naturalmente, impingir que os Estados Unidos estavam utilizando os brasileiros como "carne para canhão" caso as tropas do General Mascarenhas sofressem pesadas baixas numa derrota.

Na primeira quinzena de dezembro os alemães buscaram explorar esse particular, desfechando alguns golpes duros nos brasileiros, sempre que surgiu a oportunidade. Como resultado dessa atitude do inimigo, do terreno acidentado, da neve e da inexperiência dos brasileiros houve um período de algumas semanas durante o qual a FEB passou por momentos difíceis, ajustando-se à guerra na Itália. Impôs-se assim, reagrupar as unidades brasileiras e propiciar-lhes a oportunidade de consolidarem-se para ficar em condições de enfrentar as situações climáticas e militares que tinham por diante. Isto se realizou antes que fosse para o Comando do XV Grupo de Exércitos; posteriormente, tornou-se um grande prazer observar a maneira pela qual a Força Brasileira evoluiu nos estágios finais da campanha. Eles jamais se queixaram e estiveram sempre desejosos de assumir o seu quinhão de responsabilidades."

Momentos piores, porém, passaram os próprios norte-americanos, pois, no dia 26 de dezembro, a 92ª Divisão de Infantaria sofreu sério revés, tendo seus ele-

mentos avançados e algumas unidades batidas, retirando-se em total estado de desorganização. No dia seguinte, a mesma 92ª DI era novamente repelida da segunda linha defensiva, prolongando o avanço inimigo a uma distância total de oito quilômetros. Uma Divisão indiana e carros de combate americanos restabeleceram as linhas.

O Marechal Mascarenhas, em suas "Memórias", 2º volume, assim se pronuncia sobre este insigne General do Exército dos Estados Unidos:

"Veterano da Primeira Guerra Mundial, figura valorosa de Chefe, havia dado azo à sua experiência militar e à sua vida política na invasão da África do Norte, como executivo de Eisenhower, e posteriormente, como Comandante do V Exército. Demonstrou ser tenaz e bravo durante os difíceis desembarques de sua tropa em Salerno e Anzio. Fez-se introdutor político e militar da entrada da FEB na Campanha da Itália e, nesse caráter, deu-nos toda assistência material e moral. Durante a Conferência do Passo de Futa, em outubro de 1944, ouvi os comentários francos e leais do grande

Chefe referentes à difícil situação de sua tropa, em consequência da ofensiva fracassada contra Bolonha. Era a definição de sua grandeza moral diante dos mais altos Chefes na frente de batalha. Durante os últimos meses da campanha, assumiu o Comando do XV Grupo de Exércitos, e conduziu essa Grande Unidade na vitoriosa Ofensiva da Primavera."

O governo brasileiro bem compreendeu a importância de Mark Clark para o bom desempenho da FEB, outorgando-lhe várias condecorações, enquanto que, por iniciativa do Congresso Nacional, foi o mesmo declarado General do Exército Brasileiro, inclusive com a entrega da espada que simboliza aquele posto.

•••

Foram inúmeras as ocasiões em que Mark Clark hipotecou sua confiança na tropa brasileira, prestigiando-nos, nunca nos faltando seus elogios e atenções, mas vamos nos prender às seguintes:

• quando da visita de inspeção do General Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra brasileiro, à Força Expedicionária, Mark Clark recebeu-o em seu Quartel-General, em Florença, ocasião em que instituiu o que se chamou de "Grupamento Dutra", cujo comando lhe entregou, temporariamente, e era composto pela FEB e tropas americanas;

• ainda, quando da visita do General Dutra aos campos da Itália, foi concebido um plano diabólico para o afastamento do General Mascarenhas do Comando Tático da Divisão, entregando-o ao General Zenóbio da Costa, o que foi de imediato vetado pelo General Mark Clark, conforme constata em "Memórias" do Marechal Mascarenhas, 1º volume, página 197:

"Ao encerrar o relato destes acontecimentos de grande significação na estabilidade e prestígio do Comando da FEB perante os Aliados, desejo ressaltar a franqueza, a sinceridade, o equilíbrio e a lealdade do General Clark, trazendo ao meu conhecimento o que se planejava à minha revelia e, ciente de minha decisão, passou a apoiá-la, em oposição ao que, impertinente-mente, fora sugerido pelo General Wootton, quando integrava a comitiva do Ministro Dutra;"

• por ocasião da conquista de Camaione, em expressivo telegrama ao General Mascarenhas, assim terminava: *"Confio em que este seja o primeiro dos muitos objetivos que de futuro surgirão sob a legenda - capturados pela FEB";*



O General Mark Clark, acompanhado dos Generais Mascarenhas de Moraes e Zenóbio da Costa, assiste a desfile de tropa brasileira.

• no fim de novembro, numa visita de inspeção a um Batalhão brasileiro que estava para entrar em linha, Mark Clark notou que os homens vestiam fardamentos que lhe pareceram leves. Comentou com o General Mascarenhas, que lhe explicou que tinham vindo do Brasil sem o vestuário adequado ao inverno da Itália. Sem demora, providenciou a distribuição de jaquetas de campanha, calçados e roupas de baixo apropriadas, de modo que os brasileiros ficassem em condições de entrar em luta. Isto lhe trouxe um inesperado problema, pois os nossos homens tinham os pés pequenos em comparação com os americanos;

• respondendo à correspondente de guerra Rita

Hume, da "International News Service": "A 1ª Divisão de Montanha brasileira é uma equipe excelente e atuou como nenhuma outra o faria melhor, muitíssimo bem, nos recentes ataques;"

• o General Mark Clark, como Comandante do XV Grupo de Exércitos, em fins de março de 1945, visitou o Quartel-General da 1ª DIE, depois de passar alguns momentos com Unidades de Infantaria e Artilharia da mesma.

Dessa maneira, o Comandante Supremo na Itália tornou, mais uma vez, a demonstrar o apreço e a confiança que lhe mereciam os soldados brasileiros, já tão duramente provados no setor que lhe fora afeto. Teve, então, oportunidade de se

dirigir aos Generais Mascarenhas, Zenóbio e Cordeiro e a oficiais do Estado-Maior da Divisão, fazendo-o nos seguintes termos:

"Tenho satisfação e orgulho toda vez que me encontro em meio ao comando e à tropa da FEB.

Nossa missão na Itália em deter as divisões que os alemães mantêm neste teatro-de-operações não é agradável, mas nós a estamos cumprindo. Se assim não o fizéssemos, a história seria outra. Vencendo as vicissitudes de um clima rigoroso e um terreno duro, vimos enfrentando com vantagem o agressivo inimigo durante o longo inverno. Tenho apreciado imensamente o valor e o esforço de seus homens.

O inimigo mostra-se ainda disposto a combater, apesar de estar sendo esmagado dentro do seu próprio território.

Estou aqui para agradecer o auxílio que esta boa tropa tem prestado, cumprindo sempre a tarefa que lhe é dada. E declarar que confio no seu concurso até



O Capitão de Infantaria Ernani Ayrosa da Silva ao ser agraciado pelo General Mark Clark com a medalha norte-americana "Silver Star".

obtermos a vitória final para os Exércitos Aliados.

Desejo a todos boa sorte. Deus os abençoe;"

* inserido em seu livro "Risco Calculado": – "Num desses ataques limitados, a 10ª Divisão de Montanha e a 1ª Divisão Brasileira fizeram alguns rombos impressionantes nas defesas alemãs, com as duas grandes unidades se lançando para o nordeste".

* Telegrama ao General Mascarenhas a respeito da captura da 148ª Divisão de Infantaria Alemã:

"Queiram aceitar as minhas calorosas felicitações pela brilhante ação das tropas brasileiras ao capturar a 148ª DI alemã. A captura de tantos homens, veículos e cavalos constitui uma prova do espírito combativo da Força Expedicionária Brasileira, e representa o ponto culminante da organização da FEB e da esplêndida contribuição dos brasileiros para o nosso sucesso no Teatro de Guerra da Itália;"

* trechos de carta ao General Mascarenhas, datada de 13 de junho de 1945:

"A Força Expedicionária Brasileira, sob seu comando, teve uma parte importante na longa campanha,

agora felizmente terminada.

"Peço-lhe o favor de transmitir a todos os seus comandados, em meu nome, o meu reconhecimento pela esplêndida cooperação que deram na conquista de nossa vitória. O seu ataque por nordeste, entre a 1ª Divisão Blindada e a 92ª Divisão, foi uma contribuição vital para a nossa vitória. A captura da 148ª Divisão de Infantaria Alemã trouxe um novo brilho para a glória das armas brasileiras.

"Depois, sua Divisão continuou o movimento para oeste em forte perseguição aos alemães.

Foi um privilégio ter a FEB como parte do XV Grupo de Exércitos.

"Boa sorte para todos;"

* significativo cartão de Mark Clark, quase 40 anos depois de terminada a guerra, acompanhando um seu artigo sobre o centenário do Marechal Mascarenhas, publicado na Revista do Exército Brasileiro, número de outubro/dezembro de 1983:

"À medida que envelheço, e quando já comemorei, a 1º de maio, os meus 87 anos, constantemente minhas recordações retornam à difícil Campanha da Itália.

Cultivo recordações agradáveis de minha convivência com a esplêndida Força Expedicionária Brasileira e seu notável Comandante;"

* finalmente, nada mais ajustado e persuasivo que esta síntese do General Mark Clark a respeito da Divisão brasileira no vale do Taro:

"Foi um magnífico final de uma atuação magnífica."

...

Quando os "pracinhas" do 1º Escalão desfilarão, em seu regresso, pelas ruas do Rio de Janeiro, encontraram, a saudá-los, no "aplomb" de uma continência militar, o General Mark Wayne Clark, orgulhosamente disseram ou simplesmente pensaram: *"Foi ele que nos levou à vitória"*; enquanto que ele dizia aos repórteres que o cercavam:

"Sinto-me muito feliz e orgulhoso de ter comandado a Força Expedicionária Brasileira e de estar em íntimo contato com os soldados brasileiros em ação. Tive o maior interesse em vir ao Brasil, a fim de conhecer o povo que mandou tão ótimos guerreiros para a Itália."